

À Altura dos Pergaminhos

Luiz Cesar Saraiva Feijó*

A língua falada pode seguir dois destinos.

Um será o de se perpetuar. Ela se perpetua nos textos literários de inúmeros autores, até recentes, onde se pode ver, às vezes, um linguajar, já caduco precocemente, na fala de personagens que usam termos, expressões, gírias e frases feitas, que nós não mais entendemos de pronto. Também nas obras dos autores de antigamente vamos encontrar muitas palavras que hoje não fazem mais parte do léxico ativo da língua, mas os termos da língua falada lá ficaram registrados. Basta folhear as obras de um Manuel Antônio de Almeida, de um Franklin Távora, de um Bernardo Guimarães, de um Aluísio Azevedo, de um Lima Barreto, só para ficarmos com alguns que retrataram em seus romances uma época, que parece muito distante, mas que, na realidade, não passa muito dos cento e poucos anos. Observe-se que *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, é de 1852. Isto é muito bom.

O outro destino da língua falada é ficar sem nenhum registro escrito. As expressões, muitos termos, frases feitas completas perdem-se sem deixar vestígios. E isto é péssimo.

Para que este segundo destino da língua falada deixe de ocorrer com frequência, é necessário que se multipliquem as pesquisas sobre os falares do homem comum do povo, das minorias sociais, dos que não têm

* Prof. de Linguística do Instituto de Letras - UERJ. Da Academia Brasileira de Filologia. Mestre em Comunicação - UFRJ. Autor do livro *A Linguagem dos Esportes de Massa e a Gíria no Futebol* - co-edição EDUERJ - Tempo Brasileiro, 1994.

O outro destino da língua falada é ficar sem nenhum registro escrito. As expressões, muitos termos, frases feitas completas perdem-se sem deixar vestígios. E isto é péssimo.

1 Para Victor Chklovski, figura de impacto do formalismo russo, "as palavras são usadas para transmitir um choque. Não há nenhuma motivação interna para sua escolha, qualquer termo poderia ali se encontrar desde que provocasse idêntico choque". Cf. Luiz Costa Lima Estruturalismo e teoria da literatura. Petrópolis. Ed. Vozes. 1973. p.166-167

prestígio cultural, mas falam, produzem riqueza com a fala, aceleram o progresso, construindo textos, que atingem um grande público, disseminados por inúmeras vozes eletrônicas, como acontece com os variadíssimos programas de rádio e de televisão que abordam temas vulgares, mas ricos em fraseologias inéditas, em neologismos, em estrangeirismos, em estranhamentos¹ e em desvios lingüísticos de toda ordem. E a linguagem dos homens do esporte, como os locutores e comentaristas das emissoras de rádio e televisão.

Muitos programas de rádio e de televisão promovem um verdadeiro festival de criação lingüística quando trazem a emoção dos esportes de massa para o horário nobre de suas programações, transmitindo e comentando as partidas de futebol, de vôlei, de basquete, de boxe, de corrida de Fórmula 1, Fórmula Indy, Fórmula Ford etc. Assim, esta linguagem vibrante dos locutores e comentaristas esportivos foi, recentemente, por nós estudada e transformada no livro *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol*, publicado pela UERJ em co-edição com a Editora Tempo Brasileiro, em 1994.

Creemos que é este o caminho para não se deixar perder um vocabulário temporal, produto de um época, tradutor de anseios, paixões, alegrias e tristezas de um povo tão criativo nas coisas como nas palavras que as expressam.

Por acreditarmos neste caminho e achando que a solução para a perpetuação de um vocabulário, muitas vezes efêmero, é tentarmos esgotar este manancial, estamos, agora, trabalhando com um rico inventário lingüístico desta área, colhido em Portugal por amigos informantes, explicando seus termos e expressões surgidos lá, para compará-los com os daqui, numa pesquisa complementar à que recentemente realizamos

no eixo Rio-São Paulo, transformada no livro já citado. E mais, explicar seus usos, significados e encontrar os possíveis desvios na subnorma da Língua Portuguesa de Portugal, como encontramos na subnorma da Língua Portuguesa do Brasil.²

O problema central deste novo trabalho, verdadeira **pesquisa de campo** é saber se o mesmo fenômeno detectado no Brasil e apontado em mais de 200 termos e expressões, registrados em nosso último livro, também ocorre em Portugal.

Assim sendo, abrimos as muitas janelas destes estudos para as vistas das inúmeras disciplinas, inclusive a sociolingüística, procurando investigar se o rádio e a televisão, em Portugal, preocupam-se significativamente com os esportes de massa, a ponto de suas transmissões influenciarem o público-alvo, impondo um registro característica, capaz de interferir na norma culta da língua.

Como esta nova investigação está apenas no início, aproveitamos a oportunidade para nos dirigirmos aos aficionados do futebol e apresentar aos leitores desta Revista, já em seu terceiro número, dirigida por Maurício Murad, professor da UERJ e especialista em sociologia do futebol, as nossas propostas de estudo complementar a ser realizado, ainda este ano, em Portugal, quando tivermos a oportunidade, *in loco*, de verificarmos tudo isso. Investigaremos se ocorrerá lá, no rádio, na televisão e na imprensa, de um modo geral, uma linguagem desviante, proporcionada pela mesma eficácia contextual dos locutores e comentaristas esportivos, como ocorre no Brasil. Se os termos e expressões existentes no linguajar esportivo de massa, em Portugal, têm origem nos termos e expressões do português do Brasil. Sendo isso verdadeiro, teriam sido levados por profissionais do rádio e televisão, que se

2 Segundo o Prof. J. Mattoso Câmara Jr., há duas subnormas do português comum, que se constituíram historicamente em Lisboa, conforme tese defendida no Instituto Latino-Americano de Lingüística, em 1996

O problema central deste novo trabalho, verdadeira pesquisa de campo é saber se o mesmo fenômeno detectado no Brasil e apontado em mais de 200 termos e expressões, registrados em nosso último livro, também ocorre em Portugal.

transferiram para Portugal? Como os termos e expressões da linguagem especial dos esportes de massa, considerados estrangeirismos são atualizados fonética, morfológica, sintática e semanticamente no português de Portugal? Existem diferenças significativas entre o que ocorre, neste campo, em Portugal e no Brasil? Por quê?

É, ainda, importante saber se os desvios lingüísticos encontrados na fala dos locutores e comentaristas esportivos que atuam nos mass-media, em Portugal, após detectados, caracterizados e analisados, deveriam ser acolhidos nos futuros dicionários da língua geral, como, de certa forma, já alguns deles aparecem em obras lexicográficas, editadas no Brasil.³

Qual a relevância das resposta às questões acima para os pesquisadores, professores e estudantes portugueses e brasileiros da área de letras, de comunicação e de sociologia?

Finalmente, quais são os termos, expressões, frases feitas, construções sintáticas e alterações semânticas significativas encontradas na linguagem dos esportes de massa, em Portugal, que merecem análises lingüísticas para explicar, tanto a banalização lexical como o surgimento de neologismos outros?

É importante salientar que, embora seja Portugal um país de pequenas dimensões territoriais, não está afastada a hipótese de encontrarmos situações lingüísticas, dentro de nosso campo de pesquisa, relacionadas às formas diatrópicas, diastráticas e diafrásicas⁴

Assim sendo, aproveitando o envio de termos e expressões, por nossos informantes, já estamos trabalhando com informações interessantíssimas, analisando mais de 100 termos e expressões do linguajar da gíria do futebol. Muitos destes termos e expressões estão no artigo de Henrique Botequilha,

Gabrielário do futebol português, publicado no SEMANÁRIO, p.54-55, de 8 de outubro de 1994.

Aliás, Henrique Botequilha, no mesmo importante jornal português, de 23 de dezembro do mesmo ano, sob o título de *Chinelada na maricota*, artigo de mais de meia folha, em três colunas, tece considerações sobre nosso livro. *A linguagem...* mostrando no *lead* que **"com gorduchinha, ripa na chulipa, zona do agrião, pelada, folha seca e maraca se faz um livro. Luiz Feijó, lingüista brasileiro, pegou em duzentos vocábulos da gíria dos futebóis e analisou-os. Para os gabriéis deste mundo."** Botequilha ilustra seu texto com uma excelente fotografia das cabinas de transmissão de rádio de um moderno estádio de futebol com a seguinte legenda: **"As cabinas de imprensa são verdadeiras fontes de neologismos."**

Por enquanto, vamos apresentar os quinze primeiros termos com um início de comentários. Entre aspas, seguem as definições apresentados por H. Botequilha. A seguir as nossas primeiras análises.

1- À altura dos pergaminhos.

"Quando uma equipa⁵ de grande réputação joga bem".

O futebol visto como arte nobre. Visão elitizante do jogo. A expressão "à altura dos pergaminhos" conota erudição, respeitabilidade, principalmente tratando-se de uma equipe de grande reputação, da qual não se poderia esperar outra atuação que não fosse a de jogar um futebol de primeira qualidade. Resta saber se todos os ouvintes, telespectadores ou leitores de jornais esportivos descodificam esta expressão, entendendo o sintagma, neste contexto, com o significado que apresentamos nesta análise. Estaríamos, contudo, diante de uma situação diastrática, se esta expressão não for

3 Cf. Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Editora Nova Fronteira, 2 ed., Rio de Janeiro, 1986

4 Diatrópicas: diferentes palavras regionais; diastráticas: diferentes falares sócio-culturais; diafrásicas: diferentes peculiaridades expressivas e individuais no campo da fala. Cf. Horácio Rolim de Freitas. Princípios de morfologia. 3. ed. Rio de Janeiro, Ed. Presença, 1991. Cap. A palavra, a norma.

5 No Brasil dizemos e escrevemos EQUIPE, do francês équipe, sub. fem., de verbal de équiper. Como a forma francesa é feminina, o termo, em Portugal, recebeu, ao se aporuguesar, a vogal temática =A= e manteve o gênero feminino

entendida por outras pessoas do mesmo grupo sócio-cultural. Isto significaria que há diferentes repertórios lingüísticos dentro do grupo, caracterizando o diastraticismo.

2- A bola é redonda.

"Equilíbrio".

No Brasil existe a expressão "jogar uma bola redonda", que significa jogar muito bem. Esta expressão fora de um contexto narrativo fica difícil de explicar. Aguardemos este contexto.

3- Acreditar.

"Correr atrás de uma bola quando ninguém acredita que o jogador lá chega".

Acreditar na jogada: acreditar no passe; acreditou no lance; acreditar no lance são expressões também ouvidas no Brasil. Este verbo acreditar sintetiza o somatório das ações **correr + jogar + crer + esforçar-se + obstinar-se**. Caso típico de sintetismo semântico, um fenômeno lingüístico característico das frases que traduzem os acontecimentos desenrolados dentro do campo de jogo onde se realiza uma partida de futebol, transmitida por profissionais de rádio ou de televisão.

4- Acrobático.

"Gesto de um jogador particularmente vistoso; esgalhado com acrobacia."

Vistoso deverá ser o gesto, do contrário configurar-se-ia uma hipálage.⁶ Um jogador vistoso pode não ser acrobático. Isto posto, pode-se ver no termo acrobático, adjetivo relacionado a gesto, uma forma de semantização relacionada ao sema CIRCO, onde o espetáculo predomina e avulta, tal como no futebol.

⁶ Hipálage é uma adjetivação impressionista em que o adjetivo concorda gramaticalmente com o substantivo a que se refere, mas não há concordância ou correspondência semântica. Esta ocorrerá com um outro termo fora do sintagma. Ex: Adélia fumava um cigarro lânguido (Eça de Queiros). Lânguido não é o cigarro, primeiro termo do sintagma, lânguida é Adélia, que fumava, talvez, languidamente um cigarro

5- Acutilância.

"Um momento do jogo em que uma equipa está mais forte do que a outra."

Acutilância refere-se a agressão com cutelo. Pode ser que esteja aí a semantização deste neologismo. Se uma equipe está mais forte do que a outra, a mais forte ataca a mais fraca, logo, agride a mais fraca. Fica presentificado mais um termo do campo semântico da guerra, como tantos outros já apontados em nosso livro *A linguagem...*

6- Adaptação.

"Quando um jogador integra uma nova equipe; integração numa nova posição."

Denotativamente, adaptação refere-se a ajustamento, transformação, transposição, também em determinadas situações. Fora do contexto onde este termo é empregado não se pode explicar as alterações de significado, nem as conotações mais expressivas. Vamos buscar estes dados.

7- Alto-Risco.

"Um Benfica-Porto é um jogo de alto-risco; desafio de grande tensão, passível de bofetada."

Um jogo de alto-risco é aquele em que pode haver confronto entre as torcidas, dentro dos estádios, resultando sérias conseqüências pelas atitudes beligerantes dos espectadores. Está ligado à violência fora e dentro do gramado onde o jogo de futebol se desenrola. Esta expressão está presente também fora da linguagem dos esportes, como pode-se observar nos comentários jornalísticos que focalizam temas como a síndrome do HIV, por exemplo.⁷ Parece que a trajetória desta expressão foi de fora para dentro da linguagem dos esportes de massa, que a acolheu. Um caso de imigração.

⁷ Em Portugal não se usa o termo AIDS. Lá o termo é SIDA - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

8- Ângulo.

"Figura formada por dois semiplanos com as mesmas origens, possíveis de serem encontrados nas balizas.

Esta expressão também é muito usada pelos locutores e comentaristas de futebol no Brasil. Foi no ângulo, bem no ângulo, a bola entrou bem no ângulo são expressões muito ouvidas. Trata-se de um raro momento linguístico em que a denotação predomina na linguagem especial do futebol. Contudo, não se pode deixar de ver neste termo um certo saber matemático, escamoteado nas frases acima apresentadas. Observe-se que a forma popular, no Brasil, é **onde a coruja dorme**.

9- Ficar nas covas.

"Quando um jogador se deixa ultrapassar por um adversário".

Trata-se de uma expressão de gíria do futebol, evidentemente. Quem não acompanha as transmissões dos jogos de futebol pelo rádio ou pela televisão não entende esta expressão. Quem é ultrapassado já era. Está morto, logo fica nas covas. Deve ser esta a explicação semântica.

10- Lateralizar.

"Jogar a bola para as faixas laterais".

Lateral + izar. Neologismo formal, que indica a construção de jogadas pelas faixas laterais do campo de jogo. Lateralizar uma jogada. O jogo está lateralizado. Essas expressões não aparecem na linguagem dos locutores brasileiros. Parece que nós semantizamos LATERALIZAR muito mais ligado a um sentido técnico-científico do que esportivo.

11- Leitura do jogo.

"Pensar antecipadamente o que se vai fazer à bola

antes de a jogar seja para onde for".

No Brasil há as expressões: "telegrafar a jogada"; "pensou demais no que fazer... e perdeu a jogada"; "raciocinou errado". Os locutores e comentaristas daqui falam isso e o povão entende. A expressão "LEITURA DO JOGO" é uma apropriação de um tipo de linguagem universitária, hoje muito comum nos discursos acadêmicos. Trata-se de uma sofisticação linguística por parte dos locutores e comentaristas esportivos de lá, que ainda não apareceu por aqui. O público-alvo precisa é saber que **fazer a leitura de uma cena** é uma metáfora e têm de entender isso. Será que entendem?

12- Nas lonas.

"O mesmo que ficar nas covas. Quando um jogador se deixa ultrapassar por um adversário".

Aqui estamos diante de uma verdadeira gíria da língua portuguesa da subnorma de Portugal, relacionada ao futebol. Está nas lonas aquele que não tem nada, ficou para trás, foi ultrapassado por outro. Parece que a semantização desta expressão passa por esses sentidos. Mas vamos confirmar as origens em Portugal

13- Para Vitor Correia comentar.

"Quando os comentadores da RTP não sabem puto de arbitragem e lançam o SOS ao árbitro na reforma, actualmente, promovido a jornalista."

Expressão interessantíssima para alguns comentários. Primeiro a forma de dizer o que significa a expressão, para nós brasileiros é, a princípio, um tanto nebulosa. Percebem-se algumas verdadeiras expressões idiomáticas e alguns vocábulos estranhos numa estruturação frasal diferente da nossa construção sintática. Assim, **comentadores são os nossos comentaristas; RTP é a Rádio e Televisão Portuguesa; não sabem puto de**

arbitragem é não conhecem nada sobre arbitragem; lançam, o SOS significa pedem auxílio, ajuda; árbitro na reforma, actualmente, promovido a jornalista é ex-árbitro de futebol, hoje, atuando como comentarista de arbitragem, no rádio ou na televisão.

Vitor Correia deve ser ou ter sido um ex-árbitro de futebol que atua ou atuou como comentarista de arbitragem, a exemplo de um nosso José Roberto Wright ou Arnaldo César Coelho. Lá, como aqui, ex-árbitros de futebol são convidados pelas emissoras de rádio e televisão para comentarem as arbitragens, pois têm autoridade para isso; já estiveram dentro do campo e, agora, descrevem para o público o que de certo e de errado viram durante uma determinada partida. Após nossa pesquisa em terras lusitanas, saberemos precisamente todos os mínimos detalhes.

Esses ex-árbitros, comentaristas de arbitragens, por mais denotativos que queiram ser, por mais que afirmem e até jurem que são profissionais imparciais e impermeáveis a qualquer sentimento, sempre são traídos pela incompetência da competência de julgar, pois estão envolvidos em um fantástico espetáculo e ainda, brilham, exercendo com palavras o poder. No intervalo do jogo ele têm a oportunidade de passar para o público da emissora em que trabalham a sua opinião. Muitas vezes, é aí que tem início o fio d'água da simpatia, que vai recebendo inúmeros afluentes passionais, até desaguar, como rio caudaloso, na fúria da pororoca das grandes discussões apaixonadas, quando comentam sobre o certo e o errado, sobre o erro de fato e o erro de direito, sobre intencional ou sobre o acidental, caracterizando o árbitro daquela tal partida de futebol como um grande profissional ou rebaixando-o a uma condição de simples *soprador de apito*, nas palavras do nosso saudoso Mário Vianna, com dois enes.

Após nossa
pesquisa em terras
lusitanas,
saberemos
precisamente todos
os mínimos detalhes.

A grande importância desses comentaristas de arbitragens é que eles sempre acrescentam ao espetáculo uma emoção a mais e alimentam o prazer de ver e ouvir. Nenhuma emissora de rádio e de televisão abre mão deles, tanto no Brasil, como em Portugal. Fazem parte do show.

14- Passe rasgado.

"Passe comprido de um lado para o outro do campo".

Uma metáfora plástica. A bola branca lançada, em sua trajetória marcada pela velocidade que toma, ao ser chutada, parece, no contraste visual, que rasga o gramado verde, num piscar de olhos. Mas o que fica rasgado é o gramado e não o passe. O passe é o agente da ação de rasgar, que se transforma em paciente. Eis um caso interessante de hipálage⁸, surgida na linguagem despretensiosa de locutores e comentaristas deste emocionante jogo de bola, que é o futebol.

*8 Hipálage porque não há uma logicidade semântica entre os termos do sintagma, tornando inesperado o significado. Contudo, somente com uma análise mais detalhada, a posteriori, é que se percebe o sentido amplo que a expressão **Passe rasgado** proporciona, sinteticamente*

15- Tomba-gigantes.

"Equipa que derrota outra tradicionalmente mais forte".

Uma equipe forte é comparada, por recurso metafórico, a um gigante. Uma equipe fraca que vence uma equipe forte, derruba, tomba um gigante, como na luta entre Davi e Golias. Uma verdadeira figura retórica, ligada aos discursos épicos, às fábulas e aos contos infantis, em que gentes miúdas vencem gentes graúdas: as primeiras representando o bem e as segundas o mal. Mais uma ligação entre o futebol e as diversas mitologias.

A grande
importância desses
comentaristas de
arbitragens é que
eles sempre
acrescentam ao
espetáculo uma
emoção a mais e
alimentam o prazer
de ver e ouvir.